A PARTIR

DE HOJE,

UM DIA

GIOVANNA VACCARO

A PARTIR DE HOJE, UM DIA

UM REALITY SHOW
ÀS CEGAS

UM CASAMENTO
DE MENTIRA

editora coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023
Copyright © Giovanna Vaccaro, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vaccaro, Giovanna
A partir de hoje, um dia / Giovanna Vaccaro – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-82-3

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira 2. Romance

Grupo Editorial coerência

Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.8020-0810

PRÓLOGO

O casamento de uma pessoa deve ser o dia mais feliz da vida dela. Só que o dia do meu casamento está sendo o mais amedrontador que vivi durante os últimos trinta anos.

Não me importo com o tempo perfeitamente agradável, ou com o som dos pássaros alegrando o ambiente. Odeio o fato de que estou vulnerável neste altar, cercado por câmeras e pela maioria das pessoas que conheço. Até o desgraçado do Theo Soares está aqui — ao lado de Olga —, na terceira fileira. Quem o convidou?

Meus pais acabaram de acenar para mim enquanto minha irmã me filma com o celular, mas sou incapaz de discernir o que significa cada movimento. Tudo o que consigo perceber são as batidas do meu coração em meu tímpano, minhas mãos grudentas de tão suadas e minha cabeça latejando.

Eu só quero vê-la.

Nunca me senti tão ansioso na vida.

Ansioso. É mais como se tivesse levado um tiro na barriga.

— Eles tiveram vários encontros às cegas e decidiram se conhecer — Domitila Hernandez diz ao pegar o microfone e encara uma câmera atrás de mim.

E, como se não bastante, o dia mais desesperador da minha vida está sendo televisionado ao vivo.

— Virgínia e Dante viveram dias paradisíacos durante a lua de mel e provaram que química não é o que falta! — Marcos Capela adiciona mais um trecho à fala da esposa, que arranca o microfone de sua mão.

— A vida real não ficou para trás. Os dois precisaram morar juntos por algumas semanas para decidir se o que têm é realmente amor ou se o cotidiano o apaga.

Os convidados estão animados, consigo enxergar a euforia em seus rostos daqui. João, na primeira fileira, está com os polegares para cima a fim de me passar algum conforto. Nenhum deles sabe o que está prestes a acontecer.

— O que esses dois têm ninguém consegue apagar. — A risada de Marcos escapa anasalada. — O casamento de hoje servirá como um experimento social. Pode o amor ser cego? É o que nós, do *Quer casar comigo?*, vamos descobrir agora.

Todos os convidados se levantam ao mesmo tempo, e minha mente enevoada não reage de imediato. *Marcha nupcial* ricocheteia em meus ouvidos e faz minha cabeça voltar a doer. Viro o corpo lentamente para enxergá-la, mas então paraliso.

Virgínia está perfeita.

É como se eu nunca a tivesse visto e todos os momentos até aqui tivessem sido apagados do meu cérebro. Só existe o agora.

Ela caminha em minha direção.

O vestido ocupa toda passagem até a nave, cobre até mesmo seu pai. Na verdade, não é o vestido que me dá toda essa impressão de espaço, mas a presença dela. Virgínia está em toda a minha mente, preenche todo o lugar — e nós estamos a céu aberto. Ela está em tudo, mesmo quando desvio os olhos. Os cabelos são ondas suaves e douradas caindo pelos ombros, emoldurando seu rosto e suavizando sua feição.

Ela sorri. Faço o mesmo, porque é irresistível.

Virgínia ainda está sorrindo quando seu pai a entrega a mim.

Para mim.

Nossos dedos se tocam e se entrelaçam; estão queimando.

— Estamos reunidos aqui para contemplar a união desse jovem casal. — Domitila encara a câmera atrás de nós. — Virgínia Loyola e Dante Moon-Choí, vocês viveram semanas intensas para chegarem até aqui.

— E, agora, só nos resta duas únicas perguntas — Marcos diz e pisca para mim, fazendo o mesmo com minha noiva.

Virgínia aperta meus dedos nos seus. Devolvo o aperto.

Somos dois perdidos.

— Virgínia — Domitila chama, um sorriso no rosto, um silêncio mortal nos assolando —, você aceita Dante como seu legítimo esposo?

O tempo para. Por muito tempo.

Minha cabeça entra em conflito diversas vezes, meu cérebro quase derrete e depois meu corpo leva um choque.

Virgínia demora a responder. Ela suspira e, então, finalmente solta a minha mão.

— Não — responde.

01

VIRGÍNIA

— Eu vou participar de um reality show — o alto-falante do iPhone grita o áudio de Leonardo perto da minha orelha. — Venha logo pra casa, preciso contar pra vocês sobre isso.

Meu celular vibra novamente no bolso enquanto ando apressada pelos corredores abarrotados de universitários. Desta vez é Mafê:

— É sério, você tem só mais meia hora. Já esquentei o yakisoba de ontem e o Leo está trazendo um poke que ele pediu no iFood na hora do almoço.

Meu estômago revira, e consulto as horas no topo da tela: 20h03. Não comi nada desde as duas mordidas na maçã que achei na bolsa às 11h. Era para eu ter comido a fruta inteira, mas um dos camundongos não estava respondendo ao reagente que eu havia aplicado.

— Acabei de sair da sala de aula. Vou chegar em cima da hora, mas vai dar tempo — falo com a boca perto do microfone do celular para tentar abafar o volume das outras vozes ao redor. — Só tem isso pra comer mesmo?

Desvio de um aluno e viro à direita, o que me faz dar de cara com a saída para o estacionamento dos professores.

— Sim, o yakisoba da Josi e poke de salmão com sunomono — minha amiga responde com a voz incerta. — Bom, isso se você continuar me devendo aqueles trinta e quatro reais da semana passada. Me pague, e aí podemos pedir uma pizza.

Fecho os olhos, questionando o salário de uma pós-doutoranda em uma das universidades mais renomadas do país. Não gosto de peixe cru nem das

comidas que a namorada de Mafê prepara na intenção de nos converter ao veganismo. Se ganhasse mais, poderia me safar dessa tragédia gastronômica.

Mafê não está realmente me cobrando, está apenas criando ganchos para me fazer parar de reclamar. Somos amigas há muito tempo para ela ficar contando cada centavo que já peguei emprestado (que bom, porque se fosse realmente cobrada pelo que devo provavelmente teria que vender algum órgão desnecessário ou me voluntariar para virar cobaia em testes experimentais com drogas alucinógenas).

— Na verdade, o Leonardo chegou agora e disse que acabou comendo o poke. Ele trouxe hambúrgueres. — *Ufa!* — Você ficou sabendo que ele vai participar de um reality show?

Consigo sentir o gosto da carne e dou um pulinho de alegria quando paro em frente ao Capeta. O Celta vermelho que era de um primo do meu pai está à beira da morte há anos, bebe gasolina feito um velho num boteco de esquina e inferniza minha vida.

— Ele me falou alguma coisa sobre o assunto, mas não dei bola. É verdade? Não me conte, chego em vinte minutos.

Jogo minha bolsa e meu celular no banco do passageiro e bato a testa no para-sol ao inserir a chave na ignição. Fecho a porta aos resmungos, dando partida no carro duas vezes antes de ele finalmente responder.

Só quero chegar logo em casa. É quarta-feira, o dia oficial de *Sex on the drunk* (muita bebida, jantares duvidosos e, graças a Deus, nenhum sexo; na verdade, a parte do sexo é só para fazer o trocadilho, que foi, claro, criado por Leonardo).

Era toda quinta-feira, mas tivemos que mudar para as quartas no último mês, já que foi o dia que o Canal 4 escolheu para lançar os novos episódios de *Beije, case ou mate*, um programa no qual vários solteiros sarados se reúnem numa ilha paradisíaca e vivem semanas de curtição e pegação. Eu e meus dois melhores amigos somos viciados em qualquer tipo de reality show, e os do Canal 4 são os melhores.

Então aqui estou eu, agradecendo pelo meu carro sugador de almas estar cooperando, enquanto tenho apenas vinte minutos para atravessar os cinco bairros que separam a universidade da minha casa.

Eu me concentro no trânsito e imploro por piedade. *Por favor, por favor, eu não quero perder o último episódio!* Chego em casa restando apenas quatro minutos para o novo episódio ficar disponível. Estaciono o Cap na vaga e corro pelo estacionamento. Pulo de dois em dois degraus e meu coração está prestes a explodir quando chego ao quarto andar. Tento colocar a chave na fechadura, mas minhas mãos estão tremendo com a fadiga. Então a porta se abre, e Leonardo me olha dos pés à cabeça duas vezes.

— Está fazendo o quê?

O momento dispensa explicações, por isso passo por debaixo dos braços do meu amigo e me jogo no sofá, fechando os olhos. Sinto cheiro de ketchup e molho tarê; meu estômago se contorce.

— Caramba, faltando apenas um minuto! — exclama Mafê da cozinha, a apenas cinco passos do sofá em que estou deitada. — Você bateu seu recorde, Virgínia.

Ai!

— "Virgínia"?

Abro meus olhos e levanto a cabeça a fim de localizar a minha, até então, amiga. Mafê aparece no meu campo de visão: apoiada no batente da porta que fica entre a sala de estar e a cozinha, segura um frasco de shoyu e tem os cabelos escuros presos num rabo de cavalo firme.

— Não é seu nome?

Ela revira os olhos desconfiados, e eu faço o mesmo.

— Quando você fala desse jeito, parece que está brava comigo — respondo e cruzo os braços ao me sentar —, *Maria Fernanda*.

A risada de Leonardo ecoa pela sala. Ele está sentado na poltrona perto da nossa televisão, os braços grandes demais para os apoios.

— Vi, acho que você ainda vai ouvir muito o seu nome durante a vida — indaga ao curvar a cabeça.

Torço o nariz e me levanto. Não tenho nada contra meu nome, mas a maneira como soa nas vozes de outras pessoas me deixa ansiosa.

— Você vai participar de um reality? — Encaro Leonardo, que, apesar de passar mais tempo em nosso apartamento do que em sua própria casa, mora a alguns bairros de distância. — Estou com tanta fome!

— Temos álcool e carboidratos, baby — ele fala, e aí muda de assunto: — Vou participar do próximo reality do Canal 4.

O quê?!

— Hoje não vamos contar calorias! — Mafê grita na cozinha, animada.

— É verdade, separei o *Sex on the drunk* pra ser meu dia do lixo. — Leonardo se levanta da poltrona e segue em direção à cozinha. — *Beije, case ou mate* merece algo melhor do que fibras.

Rio e olho para a tevê. O episódio de hoje, que é o último da temporada, já começou, mas o narrador está recapitulando os beijos e as brigas anteriores.

— Calma aí, calma aí. — São muitos assuntos para o meu cérebro cansado. — Como assim o Leo vai participar de um reality show? Quando isso aconteceu?

Meu amigo volta para a sala carregando dois embrulhos de hambúrgueres. Pego um para mim.

— Pelo visto, treinar dez horas por dia me proporcionou alguma coisa... — Ele abre a boca para dar uma mordida no lanche e, de onde estou, consigo ver Mafê soltar um "blá-blá-blá" sem som.

Rio alto.

— Mentiroso!

Leonardo reveza entre os sanduíches e uma lata de cerveja. Porque é lei: não existe água, refrigerante ou suco no *Sex on the drunk*!

— Você acha que personal trainer não treina? — questiona ele erguendo os ombros avantajados, e sou obrigada a notar todos os seus músculos e veias aparentes na pele escura.

Mafê se senta ao meu lado, colocando um bowl na mesa de centro à nossa frente. Esse yakisoba já fez aniversário na geladeira.

— Até parece! — ela ironiza. — Tudo o que você faz é ajudar as alunas bonitas no agachamento.

— Você queria estar no meu lugar — rebate Leonardo depois de um gole.

Olho para Mafê esperando pela resposta conforme dou mais uma mordida no x-bacon.

— Já tenho minha namorada — ela espeta o garfo no yakisoba, o cenho franzido, como se estivesse em conflito —, mas sim.

— Bom, foi uma dessas alunas que me ofereceu a vaga no reality. — Leo volta ao assunto principal. — Ela é produtora do Canal 4. Me enviou o formulário de inscrição hoje e disse que tenho grandes chances de entrar.

— Então você ainda não está confirmado. — Mafê revira os olhos. — Poderia ter dito antes.

— O que acontece é que esse reality é um experimento social e não têm inscrições abertas ao público. Você precisa ter contatos pra conseguir preencher o formulário — explica meu amigo. — E eu vou entrar. Ninguém deixaria este corpinho lindo de fora do *Quer casar comigo?*

— O quê? — Meu hambúrguer quase escorrega em meu colo. — *Quer casar comigo??*

— Você está pensando em participar de um reality de casamentos? — dispara Mafê.

— Casamentos às cegas — o rosto de Leonardo é sereno, como sempre. — Cansei dessa vida de festas e pegação. Quero conhecer o amor da minha vida, ter dois filhos e uma iguana.

— Uma iguana?!

— Você é louco?! — a voz de Mafê cresce, não entendo porque ela parece tão brava. — Não pode se casar com uma mulher que nunca viu! Pode ter algo de errado com ela.

— Se eu entrar no programa, posso, sim. Eu não reclamo da sua namorada vegana. Você vai ter que aceitar minha noiva, seja ela como for. — Leo gargalha, mas seu corpo se enrijece. Aponta com o controle para a televisão e aumenta o volume. O rosto bonito de Marcos Capela, o apresentador, preenche a tela. Meu coração chega a palpitar. — E a Josi ainda obriga você a comer essas porcarias — murmura Leonardo com sua voz grave, visivelmente falando com Mafê, mas sem desgrudar os olhos do programa.

Troco um rápido olhar com minha amiga e percebo que há algo a mais ali. Seus olhos castanhos estão apagados e a boca está firme numa linha. O fato de Josi, a namorada de Mafê, insistir para que as duas levem vidas veganas enfurece Leonardo. Ele está sempre reiterando que: 1. proteína animal é saudável e 2. ninguém pode obrigar a namorada a parar de comer o que gosta.

Contanto que Mafê esteja feliz, não vejo problema em vê-la comer lentilha. Se bem que... como alguém pode ser plenamente feliz sem ingerir um pouquinho de carne?

Ela encara o yakisoba e diz:

— Concordo com a causa — o hashi misturando o macarrão com os brócolis e as acelgas —, mas tenho tanta saudade de...

— Carne? — Leonardo ainda não encarou Mafê. — Sim, deveria mesmo.

Arranco um pedacinho do bacon que está caindo do meu hambúrguer e estendo o braço. Mafê me encara um pouco desconcertada e pede silêncio com o dedo. Pega o bacon e joga na boca um milésimo de segundo antes de Leonardo se virar para trás.

— Não esqueçam do *drunk* em *Sex on the drunk* — ele diz ao se levantar e correr até a cozinha, os olhos suaves novamente e as tranças enraizadas balançando.

Mafê aproveita a saída de Leo e abre a boca para que eu dê mais um pedaço de bacon a ela. No fim de tudo, ela só não quer admitir que não é como a namorada.

Ela levanta o copo On the rocks, exibindo que está tomando uísque. Puro. Simplesmente doida. Amo isso nela. Apesar de parecer durona e beber coisas amargas, é o oposto. O cabelo escuro sempre muito bem preso e as roupas sóbrias escondem que minha amiga é divertida — e muito leal.

Leonardo volta e posiciona uma taça e uma garrafa de cabernet em frente aos meus olhos. Não acho que vinho harmonize com x-bacon, mas sirvo a taça, ouvindo a música da introdução do reality. Meus amigos já parecem mais relaxados, mas, conhecendo os dois, sei que ficarão carrancudos até o final do episódio.

— Você vai me agradecer quando eu estiver famoso e rico depois do reality — Leonardo murmura.

Mafê enfia mais yakisoba do que realmente cabe em sua boca. Ela desistiu da briga. Eu, por outro lado, foco em apenas uma palavra de Leonardo: "rico".

DANTE

O soco na cara que acabo de receber é a melhor coisa que sinto há dias.

— A guarda. — Ouço ao longe. — Melhore a guarda.

Ergo os antebraços e subo os ombros. Meus punhos estão quase fechados dentro da luva e consigo sentir as bandagens apertarem os nódulos dos dedos. Flexiono os joelhos e lanço o peso do tronco para a frente quando meu cotovelo acerta o queixo de João Paulo.

Ele ri, mostrando os dentes protegidos pelo bucal, mas sei que doeu.

Meus pés tocam o chão um de cada vez e meu corpo balança em expectativa. João troca de base, e levanto o joelho para bloquear o chute, que tentou alcançar minhas coxas. Sinto a canela arder com o atrito, mas o equipamento me deixa firme.

— O que estou tentando falar é que — a voz de João chama minha atenção e ele acerta um cruzado em minha orelha — você merece aquela vaga.

Dou alguns passos para trás e tento ignorar a dor que se alastra pela lateral do rosto. *Quem está apitando em meu ouvido?*

— Eu sei — respondo, tomando fôlego e lhe acertando um chute frontal na barriga —, mereço mesmo.

Observo o cenho do meu colega franzir em resposta ao golpe. No entanto, recompõe-se rapidamente e levanta a guarda outra vez, aguardando meu próximo movimento. Acerto um *upper*.

— E simplesmente não vai agarrar a oportunidade? — Observo os pés descalços de João sobre o tatame vermelho, subo mais os ombros. Ele pisa forte com o pé direito, posiciona o tronco ao lado do meu e gira para acertar o cotovelo em meu nariz. Um gemido escapa de meus lábios. João continua: — Você nem sabe o que ela vai propor.

Eu me afasto na tentativa de respirar melhor. Meu coração está acelerado e meu pulmão parece estar cheio de algum tipo de líquido. Olho em volta. Não conheço o novo treinador. Ele está com um dos braços entrelaçados nas cordas amarelas do ringue, a cabeça apoiada no corner; parece entediado.

— A guarda — ele diz sem expressão.

Alço os punhos em frente ao rosto e esquivo bem a tempo de desviar de um soco.

— É só uma reunião — afirmo, concentrando-me em João para ignorar a voz de Olga, que surge em minha mente.

Meu punho direito acerta um soco em seu rosto e aproveito para emendar um chute. Meu amigo se curva para tentar defender as costelas. Pisco com força, não sei se pelo golpe que João acertou em meu nariz alguns segundos atrás ou se pelo fato de não gostar de reuniões que poderiam muito bem ser um e-mail.

— Pra promover você, é claro. — O couro da luva cola em minha pele suada. Preciso piscar os olhos várias vezes para enxergar nitidamente de novo. — Ser jornalista investigativo é seu sonho.

João acerta um golpe em meu estômago, que se contorce.

— Meu objetivo.

Sonhos são para garotinhas de doze anos; sempre fui mais de calcular metas.

— Tanto faz. É o que você sempre quis. — João é um pouco mais alto que eu, e preciso levantar o queixo para prever seus movimentos. — Você precisa aceitar — ele fala quando atinge minha boca com um *jab*.

Dou dois passos para trás e chuto a parte interna de sua panturrilha.

— Ela sabe que eu quero a vaga — digo. — Mas vai pedir algo em troca.

Eu me balanço e vou para cima na intenção de acertar socos. João se defende, então parto para um *clinch*. Ele solta um grunhido quando forço meu braço esquerdo sobre sua cabeça, querendo trazê-la para baixo. Empurra na direção oposta, tentando se livrar do abraço. Aproveito para acertar uma joelhada em seu abdômen.

— É assim que funcionam — João murmura em meus bíceps, sem ar — os negócios.

Reviro os olhos, apreciando a sensação da vantagem que estou levando neste *sparring*. Eu já deveria estar em casa me preparando para a reunião, mas precisava esvaziar a mente. A minha sorte é que a Elite é uma academia quase 24 horas e os clientes podem usufruir até mesmo dos serviços extras, como os treinos de muay thai até tarde. É claro que eu não preciso de toda essa regalia quando o meu melhor amigo é o dono disso tudo. Se eu quisesse treinar às 3h da manhã, João Paulo daria um jeito.

— Não saber o que ela vai me propor em troca da vaga me deixa...

João aproveita que afrouxei um pouco os braços e se desvencilha do meu aperto, voltando à posição de combate. Ele ergue os braços para armar uma guarda longa, a respiração pesada.

— Bravo?

Troca de base e acerta um chute alto na lateral do meu rosto. Franzo o cenho, minha bochecha queimando.

— Ansioso — corrijo, protegendo minha cabeça com a luva quando seu pé a estapeia novamente.

Obrigo-me a ficar atento nos movimentos de João. Ele troca de base de novo, e me preparo para bloquear o chute na cabeça. No entanto, ele me engana com a finta e dispara um soco limpo em meu peito, que está desprotegido.

Ouço o alarme de pausa e jogo meus braços ao lado do corpo, cansado. João suspira, abrindo o velcro para retirar as luvas. Foram dois minutos cruéis.

Desvio o olhar para fora do ringue. O treinador está encarando a tela do celular, e meu sangue ferve por saber que ele não está dando a mínima para o treino. Fito o relógio digital preso perto do teto alto. São quase 23h. Se eu fosse obrigado a trabalhar até tão tarde, muito provavelmente também não gostaria de estar dando o meu melhor, mas com certeza o faria. Fico contente por não precisar de treinador algum, mas ele deveria, pelo menos, aparentar mais interesse — ainda mais quando o treino envolve seu chefe.

— Ela vai propor um teste do sofá. — João gargalha após tirar o bucal, a voz voltando a soar como de costume. — Tem que ver como ela come você com os olhos!

Tiro minhas luvas e as caneleiras conforme minha cabeça forma imagens de Olga vestindo apenas lingerie; balanço a cabeça para espantar os pensamentos, mas ainda consigo visualizar a cena da mulher de meia-idade sentada no sofá verde-musgo do escritório principal do São Paulo 24hrs. Não é tão ruim assim, Olga é bonita.

— Está pensando na sua chefe sem roupa?

Tusso, e meu rosto esquenta. Se Olga me propuser uma noite sem compromisso em troca do que mais almejo nos últimos três anos, sim.

— Não — vocifero.

João me observa com os olhos estreitos, mas uma risada está querendo escapar de sua boca. Ele desvia a atenção e guarda os equipamentos em uma bolsa. As luzes da academia estão se apagando aos poucos. Os ringues só estão sendo iluminados pela luz que vem do estúdio de dança, onde poucos alunos também estão juntando seus pertences. Ajeito a alça da bolsa sobre o ombro e desço a pequena escada de madeira atrás de João.

Ele está conferindo as notificações no celular e, enquanto me sento no chão para calçar os tênis, manda um áudio para a esposa para confirmar que chegará em casa em alguns minutos.

— É sua culpa eu estar levando bronca agora — diz, guardando o celular.

Curvo a cabeça.

— Você que se convidou pra treinar a esta hora. Eu viria de qualquer forma.

— Eu precisava colocar juízo nessa sua cabeça. — O tapa em minha nuca me faz olhar para cima. — Se não fosse por mim, você passaria a noite inteira esmurrando um saco de pancada. Tudo pra faltar à reunião.

Fico em pé e noto que João está aguardando por minha resposta. É como se ele estivesse todo esse tempo ao meu lado apenas para saber se vou ou não me encontrar com minha chefe amanhã. E eu não consigo deixar de perceber que prezo muito pela amizade que firmei com ele em poucos meses.

— É claro que estarei na reunião amanhã.

Um sorriso se forma no rosto de João Paulo.

— Mesmo se a proposta de Olga for uma rapidinha? — Pisca. Não respondo de imediato. — Você faria qualquer coisa por essa vaga — conclui, irônico.

Ele tem razão. *Droga!*